

## **ESTATUTO GRAMATICAL DO MORFEMA CAUSATIVO {-KAR} NA LÍNGUA TENETEHÁRA (TUPÍ-GUARANÍ)**

*por Quesler Fagundes Camargos (UFMG)<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma análise descritiva e teórica das construções causativas que utilizam o morfema causativo {-kar} na língua Tenetehára (família linguística Tupí-Guaraní). Acompanhando a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), o objetivo é demonstrar que o núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$  seleciona um  $vP$  fásico como seu complemento. Serão apresentadas duas evidências empíricas, a saber: (i) é possível que haja morfologia verbal entre o morfema causativo {-kar} e a raiz  $\sqrt{\quad}$  (incluindo morfologia de aplicativo alto) e (ii) é possível que ocorra modificação adverbial orientada para agente interna ao evento causado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família Tupí-Guaraní; Língua Tenetehára, Estrutura argumental; Morfologia causativa.

### **THE GRAMMATICAL STATUS OF THE CAUSATIVE MORPHEME {-KAR} IN THE TENETEHÁRA LANGUAGE**

#### **ABSTRACT**

This paper aims to present a descriptive and theoretical analysis of the causative constructions that involve adding the causative morpheme {-kar} on the verb stem in the Tenetehára language (Tupí-Guaraní family). Assuming Pylkkänen's (2002, 2008) hypothesis, the aim is to demonstrate that the head of  $vP_{\text{CAUSE}}$  c-selects a phasic  $vP$ , as its complement. Evidence in favor of this analysis comes from the fact that verbal morphology may intervene between the causative morpheme {-kar} and the  $\sqrt{\quad}$  root, such as high applicative morphology. Another evidence is that there may appear agent oriented adverbs modifying the caused event.

**KEYWORDS:** Tupí-Guaraní family; Tenetehára language; Argument Structure; Causative morphology.

---

1. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Doutorando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Faculdade de Letras da UFMG, sob supervisão do Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte. E-mail para contato: [queslerc@yahoo.com.br](mailto:queslerc@yahoo.com.br). Esta pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de uma bolsa de mestrado CAPES/DS, e com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG – projeto número 19901), o qual possibilitou o trabalho de campo realizado na Terra Indígena Araribóia (Maranhão).

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo<sup>2</sup> é analisar o processo de causativização na língua Tenetehára<sup>3</sup> (família Tupí-Guaraní, tronco Tupí) por meio do morfema  $\{-kar\}$ . Em termos descritivos, podemos afirmar que esse morfema causativiza predicados transitivos, introduzindo um terceiro argumento na estrutura argumental com a função sintática de sujeito e com a propriedade semântica de causador. Outro objetivo é apresentar um conjunto de diagnósticos morfossintáticos e semânticos a favor da hipótese de que esse morfema instancia o núcleo de  $vP_{CAUSE}$ , cujo complemento corresponde a um  $vP$  fásico. Essa proposta fundamenta-se essencialmente nos trabalhos de Chomsky (1995), Hale & Keyser (1993, 2002), Harley (1995, 2008), Kratzer (1994, 1996), Schäfer (2008), Blanco (2011) e, principalmente, Pylkkänen (2002, 2008).

Este trabalho está dividido em quatro seções, a saber: na seção 2, introduzo os pressupostos básicos presentes em Pylkkänen (2002, 2008) a fim de implementar a análise teórica; na seção 3, descrevo o processo de causativização em Tenetehára; na seção 4, desenvolvo a análise acerca do estatuto gramatical do morfema causativo  $\{-kar\}$ , com base em Pylkkänen (2002, 2008); na seção 5, por fim, encerro o artigo com as considerações finais.

## 2. QUADRO TEÓRICO

O propósito desta seção é apresentar alguns desdobramentos mais recentes sobre a teoria da estrutura argumental. Para tal, retomo a proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual o núcleo causativo nas línguas naturais pode variar parametricamente. Conforme essa proposta, os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{CAUSE}$  podem se realizar em um núcleo sincrético ou em dois núcleos distintos, enquanto o núcleo  $v^o_{CAUSE}$  pode selecionar um complemento que pode equivaler a uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , a um  $vP$  ou a um  $vP$  fásico.

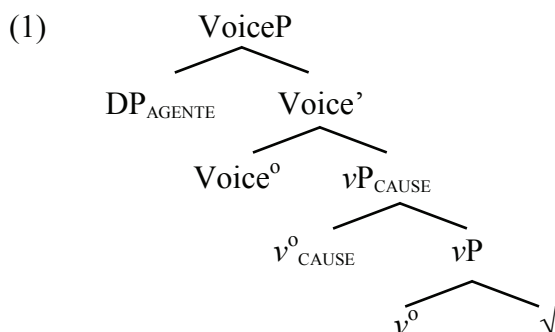
---

2. Este artigo corresponde a um dos capítulos da minha dissertação de mestrado, a qual foi defendida no ano de 2013 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte (POSLIN/UFMG). Foram suprimidas algumas seções, outras foram alteradas e outras ainda permaneceram praticamente inalteradas. Gostaria de agradecer aos pareceristas anônimos da Revista Linguística (UFRJ), cujas críticas contribuíram para o aperfeiçoamento deste trabalho. Ao Prof. Fábio Bonfim Duarte e aos membros da Banca de Defesa de Mestrado, Profa. Marília Facó Soares, Profa. Jânia Martins Ramos e Profa. Marcia Maria Damaso Vieira, estendo meus mais sinceros agradecimentos por suas críticas e sugestões. Gostaria de agradecer ainda o importante apoio do povo indígena Tenetehára que me ajudou no levantamento dos dados linguísticos que compõem esta pesquisa, em especial aos índios Cíntia Guajajara, Toinho Guajajara, Pedro Guajajara e Raimundo Guajajara. Os erros e as inconsistências que persistem são de minha inteira responsabilidade.

3. A língua Tenetehára é falada no nordeste do Brasil por dois povos indígenas: os Tembé e os Guajajara. De acordo com Rodrigues (1985), essa língua pertence ao Ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, do tronco Tupí.

## 2.1. Parâmetro: Agregação de VoiceP

Com o intuito de aperfeiçoar a proposta de Kratzer (1994, 1996), Pylkkänen (2002, 2008), acompanhando Parsons (1990), propõe que todas as construções causativas, além de possuírem um núcleo Voice<sup>o</sup>, devem necessariamente envolver um núcleo v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub>, cuja função principal é relacionar o evento da causação com o evento causado<sup>4</sup>. Para isso, Pylkkänen (2002, 2008) dissocia o núcleo v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub> do núcleo Voice<sup>o</sup>, conforme a estrutura a seguir:



Uma das evidências empíricas que permitiu que Pylkkänen (2002, 2008) propusesse tal mapeamento deveu-se ao fato de línguas como o japonês e o finlandês, por exemplo, aceitarem causativizações sem que um argumento externo agente seja necessariamente introduzido no evento. Nesse sentido, em finlandês, é possível que um morfema causativo seja adicionado a verbos inergativos, conforme os exemplos<sup>5</sup> em (2), e nenhum argumento externo causador seja introduzido. O resultado é uma construção causativa com um argumento com Caso partitivo e um significado desiderativo. Apesar de a leitura causativa não ser clara, Pylkkänen (2002, 2008) assume que essas construções envolvem um significado causativo. Logo, há uma semântica causativa sem a introdução de argumento externo, uma vez que o caso partitivo emerge em DPs na função de objeto em construções atéticas.

- (2a) *Maija-a laula-tta-a*  
 Maija-PART cantar-CAUS-3.SG  
 “Maija sente vontade de cantar” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 86)

4. De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), uma causação é, na verdade, uma relação entre dois eventos: o evento da causação (i.e. o evento causador) e o evento causado. O evento da causação é um evento implícito, o qual é introduzido pelo núcleo de vP<sub>CAUSE</sub>. Esse núcleo tem a função de desencadear o evento causado. Este último, por sua vez, corresponde à contraparte não causativa do predicado causativizado. Pylkkänen (2002, p. 79) ilustra essa relação com o exemplo a seguir:

- (i) John melted the ice  
 (ii) John was an agent of some event that caused a melting of the ice  
 (iii) The ice melted

Se a causação é uma relação entre dois eventos, o significado da sentença (i) é grosseiramente o sentido em (ii). Note que a sentença causativa (i) tem duas características que não existem na contraparte não causativa em (iii), a saber: uma relação de causação relaciona o evento da causação em direção ao evento causado e uma relação temática de agente é estabelecida entre o evento da causação e o indivíduo expresso como argumento externo.

5. Abreviaturas utilizadas neste trabalho: 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 3: terceira pessoa; APPL: morfema aplicativo; ASPEC: aspecto; C: prefixo que marca a adjacência do complemento; CAUS: morfema causativo; COND: condicional; CORR: prefixo correferencial {w- ~ o- ~ u-}; DAT: Caso dativo; DIM: diminutivo; EXORT: exortativo; IMP: imperativo; NC: prefixo que marca a não adjacência do complemento; NEG: morfema de negação; NOM: Caso nominativo; NOML: nominalizado; PART: Caso partitivo; PASS: morfema de passiva; PAST: morfema de tempo passado; PL: plural; PSP: posposição; REFL: prefixo reflexivo; SG: singular.

- (2b) *Maija-a naura-tta-a*  
 Maija-PART sorrir-CAUS-3.SG  
 “Maija sente vontade de sorrir” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 86)

De fato, as construções desiderativas de (2) são estativas. Assim, os DPs acima são sujeitos derivados de verbos estativos. Logo, não poderiam ser argumentos externos de um núcleo lexical.

Schäfer (2008), por sua vez, afirma que as construções desiderativas com causativo em finlandês permitem que o evento da causação possa ser interrogado, como em (3). No entanto, na construção desiderativa padrão, o evento da causação não pode ser interrogado (já que não há uma leitura causativa), de acordo com o exemplo (4).

- (3) *minu-a naura-tta-a mutt-en tiedä mikä*  
 eu-PART sorrir-CAUS-3.SG mas-não.1.SG saber o.que.NOM  
 “Algo me faz sentir vontade de sorrir, mas eu não sei o quê” (SCHÄFER, 2008, p. 63)

- (4) \* *halua-isi-n nauraa mutt-en tiedä mikä*  
 querer-COND-1.SG sorrir mas-não.1.SG saber o.que.NOM  
 “Gostaria de sorrir, mas não sei o que (me faz querer sorrir)” (SCHÄFER, 2008, p. 63)

Com base nos exemplos (3) e (4), Schäfer (2008) afirma que as causativas desiderativas em finlandês têm um argumento implícito que é ausente na sentença desiderativa padrão. Esse argumento implícito é um evento e não é um argumento externo.

A fim de apresentar mais um argumento a favor da cisão proposta por Pylkkänen (2002, 2008), Soares (2010) propõe que a língua Ticuna<sup>6</sup> também pertence ao conjunto das línguas que projeta de forma cindida os núcleos VoiceP e  $vP_{CAUSE}$ . Conforme a autora, o fato de o morfema causativo {-ẽ'ẽ} em Ticuna sempre selecionar como complemento uma raiz da qual não é separado por uma morfologia verbalizante faz com que esse morfema seja capaz de criar expressões idiomáticas. Nessas construções, conforme Soares (2010), é possível que o morfema causativo determine algumas nuances de significado, sem que o argumento externo agente exerça qualquer influência, conforme os exemplos apresentados a seguir:

- (5) *ngiã ta-wüica-ẽ'ẽ-gü*  
 EXORT 1.PL-caçar.com.espingarda-CAUS-PL  
 “Vamos arranjar um parceiro (homem/mulher)” (SOARES, 2010, p. 222)

- (6) *paa yi-gü ta-woma-ẽ'ẽ-gü*  
 IMP 1.PL-REFL 1.PL-enganar-CAUS-PL  
 “Vamos comer” (SOARES, 2010, p. 222)

6. Conforme Soares (2010), Ticuna é uma língua tonal, geneticamente isolada e falada na Amazônia.

Note que, no exemplo (5), o resultado da causativização do verbo *wüca* ‘caçar com a espingarda’, por meio da sufixação do morfema causativo {-ê’ê}, não significa ‘fazer caçar com a espingarda’, mas sim ‘arranjar um parceiro’. Paralelamente a esse exemplo, veja que, em (6), quando o verbo *woma* ‘enganar’ recebe o morfema causativo {-ê’ê}, o resultado não é ‘fazer enganar’, mas sim ‘comer’.

A afixação do morfema causativo, conforme os exemplos acima, não tem como resultado a causativização propriamente dita, mas a formação de expressões idiomáticas. Vale lembrar que, de acordo com Marantz (1984), argumentos externos são argumentos de predicados e não de verbos. Ademais, eles não contribuem em nada para a leitura idiomática. Se isso for verdade, as expressões idiomáticas em (5) e (6) são o produto da projeção  $vP_{CAUSE}$ , cujo núcleo é instanciado por {-ê’ê}, e não o resultado da projeção de VoiceP.

## 2.2. Parâmetro: Seleção categorial de $v^o_{CAUSE}$

Pylkkänen (2002, 2008) assume que, dependendo do parâmetro de cada língua, o núcleo  $v^o_{CAUSE}$  pode c-selecionar, pelo menos, três tipos de complementos, conforme as alíneas apresentadas em (7a-c).

- (7) PARÂMETRO: C-SELEÇÃO DO COMPLEMENTO DE  $v^o_{CAUSE}$
- a. SELEÇÃO DE RAIZ  
 $v^o_{CAUSE}$  seleciona uma raiz acategorial (i.e.  $\sqrt{P}$ ).
  - b. SELEÇÃO DE VERBO  
 $v^o_{CAUSE}$  seleciona um sintagma verbal sem argumento externo (i.e.  $vP$ ).
  - c. SELEÇÃO DE FASE  
 $v^o_{CAUSE}$  seleciona um  $vP$  fásico (i.e. uma fase é uma estrutura que deve hospedar um argumento externo ou um argumento aplicado alto).

Pylkkänen (2002, 2008) propõe as seleções paramétricas em (7) com base em um conjunto de diagnósticos morfológicos e sintáticos, os quais estão reproduzidos no quadro 1.

**Quadro 1**  
Diagnósticos que predizem os complementos de  $v^o_{CAUSE}$

DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE RAIZ $\sqrt{}$	SELEÇÃO DE $vP$	SELEÇÃO DE $vP$ FÁSICO
a. Permite modificação adverbial de $vP$ abaixo de $v^o_{CAUSE}$ ?	Não	Sim	Sim
b. Permite morfologia verbal entre $v^o_{CAUSE}$ e a raiz $\sqrt{}$ ?	Não	Sim	Sim
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^o_{CAUSE}$ ?	Não	Não	Sim
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre $v^o_{CAUSE}$ e a raiz $\sqrt{}$ ?	Não	Não	Sim

Fonte: PYLKKÄNEN, 2002, p. 96

Na próxima seção, apresento descritivamente o processo morfológico de causativização por meio do prefixo {-kar}. Esses dados são necessários para fundamentar a proposta teórica, a qual será apresentada na seção subsequente.

### 3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Em termos descritivos, de acordo com Duarte & Camargos (2009, 2011) e Camargos (2011, 2013ab), o sufixo {-kar} na língua Tenetehára tem a propriedade de causativizar verbos transitivos, acrescentando um terceiro argumento à estrutura argumental. Veja no quadro 2 a mudança sintática que os argumentos sofrem ao longo desse processo de causativização.

**Quadro 2**  
Funções dos DPs na causativização de verbos transitivos<sup>7</sup>

FUNÇÃO DO DP NO VERBO TRANSITIVO	FUNÇÃO DO DP NO VERBO BITRANSITIVO CAUSATIVIZADO
$A_{\text{AGENTE/EXPERIENCIADOR}}$	$A_{\text{AGENTE (CAUSADOR)}}$
O	$DAT_{\text{AGENTE-AFETADO (CAUSADO)}}$
O	O

Observe que o DP que ocupa a posição de sujeito (A) do verbo transitivo inicial passa a receber uma posposição (DAT) no verbo bitransitivo, ao passo que um novo DP é inserido na posição de sujeito (A) do predicado causativizado. O objeto direto (O) do verbo transitivo mantém sua função sintática inalterada após a causativização. Com base no trabalho de Comrie (1981), o novo sujeito (A) e o argumento (DAT) recebem as denominações de *causer* ‘causador’ e *causee* ‘causado’, respectivamente.

De acordo com Dixon (1979), os verbos transitivos são aqueles que projetam dois argumentos nucleares<sup>8</sup>. Em termos semânticos, na língua em análise, a adição do morfema causativo {-kar} a radicais transitivos deriva formas com a significação “fazer X”, “mandar X” ou “pedir X”, conforme o seguinte exemplo:

7. Adotei, neste trabalho, a terminologia proposta por Dixon (1979), a saber: o termo (A) refere-se ao sujeito de verbo transitivo, o termo (S) ao sujeito de verbo intransitivo (inacusativo e inergativo) e, por fim, o termo (O) ao objeto de verbo transitivo.

8. “All human languages classify actions into two basic types: those involving one obligatory participant, which are described by intransitive sentences, and those involving two obligatory participants, which are dealt with by transitive sentences” (DIXON, 1979, p. 102).

- (8a) *w-exak*      *kwarer*      *zawar*      *a'e*<sup>9</sup>  
 3-ver          menino      cachorro      ele  
 “O menino viu o cachorro”
- (8b) *w-exak-kar*      *awa*      *zawar*      *kwarer*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-ver-CAUS      homem      cachorro      menino      c-por      ele  
 “O homem fez o menino ver o cachorro”

Note que, no exemplo (8a), o verbo transitivo *exak* ‘ver’ projeta o DP *zawar* ‘o cachorro’ na posição de objeto e, por meio de VoiceP, introduz o DP *kwarer* ‘o menino’ na função de sujeito. Após a causativização por meio de {-kar}, em (8b), o sujeito inicial passa a receber a posposição *pe* ‘por’ e o DP *awa* ‘o homem’ é inserido na função de sujeito, por meio a projeção de um segundo VoiceP. O objeto, por sua vez, mantém sua função inalterada, como foi mostrado esquematicamente no quadro 2. Observe outro exemplo abaixo em que o morfema {-kar} causativiza um verbo inicialmente já causativizado pelo morfema {mu-}. O resultado é uma dupla causativização.

- (9a) *u-mu-zahak*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-banhar      mulher      menino      ela  
 “A mulher deu banho no menino”
- (9b) *u-mu-zahak-kar*      *awa*      *kwarer*      *kuzà*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-CAUS-banhar-CAUS      homem      menino      mulher      c-por      ele  
 “O homem fez a mulher dar banho no menino”

Observe que no exemplo acima o sujeito inicial, o DP *kuzà* ‘a mulher’, passa a receber a posposição *pe* ‘por’, após a causativização. O DP *awa* ‘o homem’ é inserido na função de sujeito. O DP objeto *kwarer* ‘o menino’, por fim, mantém sua função inalterada. Note que o morfema {-kar} introduz um evento da causação, o qual desencadeia indiretamente o evento causado. Mais precisamente, esse tipo de processo se refere à situação em que as ações do causador têm um impacto não imediato sobre as ações do participante causado. Esse tipo de causativização é denominado por Whaley (1997) como

9. Em termos descritivos, na língua Tenetehára, os pronomes pessoais (*ihe* “eu”, *zane* “nós<sub>INCLUSIVO</sub>”, *ure* “nós<sub>EXCLUSIVO</sub>”, *ne* “tu”, *pe* “vós”, *a'e* “ele/ela”) podem ser introduzidos no final de cada sentença a fim de retomar o sujeito de verbos inergativos, inacusativos e transitivos das orações principais. Uma hipótese descritiva é assumir que esse pronome final tem a função de enfatizar o sujeito, conforme os exemplos a seguir:

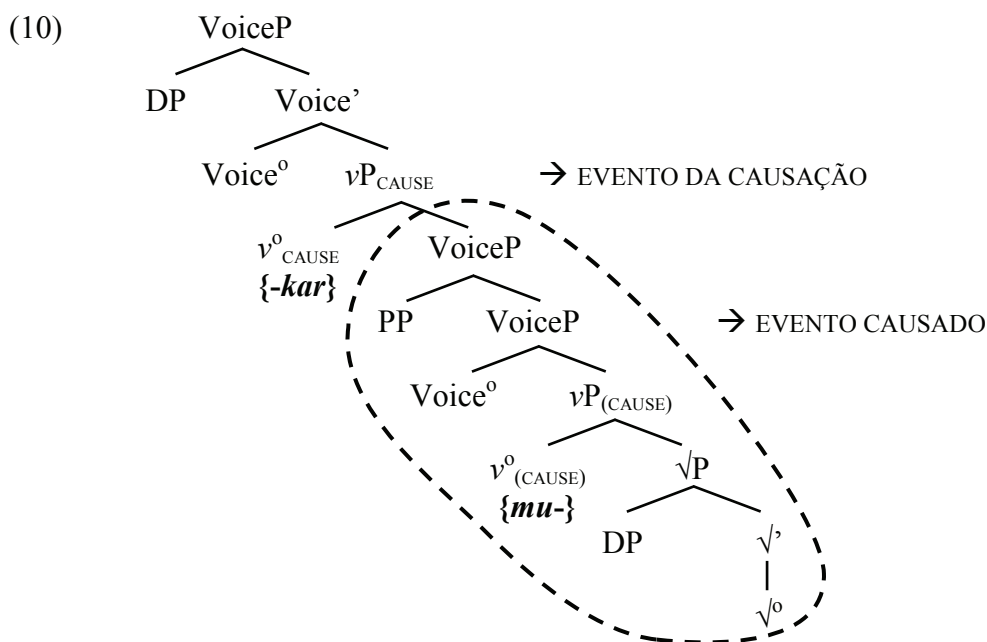
- (i) *a-zàn*      *zàwàruhu*      *ø-wi*      *i-hem*      *mehe*      *ihe*  
 1SG-correr      onça      C-de      3-chegar      quando      eu  
 “EU, corri da onça quando ela chegou”
- (ii) *u-'ar*      *kwarer*      *he*      *ø-ku'a*      *ø-wi*      *a'e*  
 3-cair      menino<sub>k</sub>      minha      C-cintura      C-de      ele<sub>k</sub>  
 “ELE, o menino caiu da minha cintura”
- (iii) *u-zuka*      *kwarer*      *zapukaz*      (*a'e*)      *wà*  
 3-matar      menino<sub>k</sub>      galinha      ele      PL<sub>k</sub>  
 “ELES, os meninos mataram a galinha”

Para mais detalhes, ver Harrison (1986). Trabalhos futuros deverão investigar a natureza sintática desses pronomes pessoais, em posição final, os quais correferenciam o sujeito da oração matriz.

causação indireta<sup>10</sup>, porque o causador desencadeia o evento causado apenas indiretamente. Assim a realização desse evento só é alcançada pela intermediação de um agente-afetado (o *causee*).

#### 4. ESTATUTO DO MORFEMA CAUSATIVO {-KAR}

Nesta seção, busco motivar a proposta de que o núcleo  $v^o_{CAUSE}$ , quando vem realizado por meio do sufixo causativo {-kar}, deve selecionar  $v$ P's fásicos como complemento. Pode-se afirmar que uma das principais propriedades de  $v$ P's fásicos é o fato de se constituírem de uma estrutura argumental completa, da seguinte forma: (i) incluindo um núcleo  $AppI^o$ , o qual introduz um argumento aplicado alto; ou (ii) contendo um núcleo  $Voice^o$ , o qual é responsável por licenciar o argumento externo agente, conforme a estrutura abstrata abaixo:



Veja que, na configuração acima, o morfema {-kar} seleciona como complemento uma estrutura que engloba um verbo transitivo causativo<sup>11</sup>. Além do mais, o evento causado é composto por uma estrutura que instancia, além do morfema causativo {mu-}, a projeção VoiceP, cuja função é introduzir um argumento externo agente (causador). De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), estruturas desse tipo correspondem a um  $v$ P fásico por causa da projeção de argumento externo por meio de VoiceP. A estrutura em (10) fica particularmente representada pela causativização do verbo causativo no exemplo (11).

10. "Therefore, it is important to recognize different causative types. The basic semantic distinction is between **direct causation** and **indirect causation**. As the names imply, direct causation refers to a situation in which the actions of the causer have immediate impact on the actions of the cause, and indirect causation refers to a situation in which the causation is further removed" (WHALEY, 1977, p. 194).

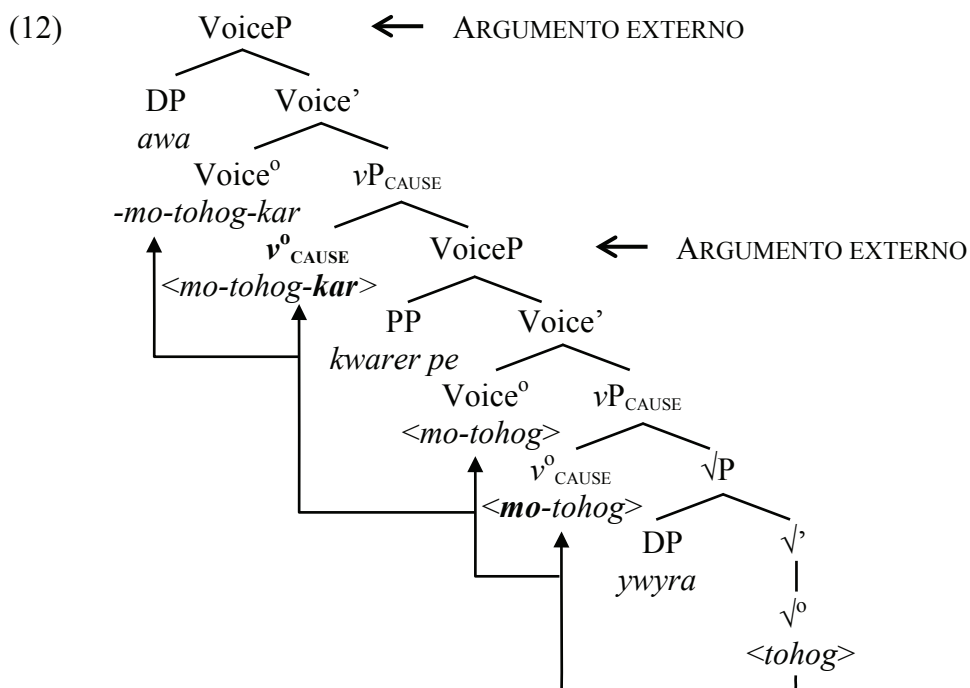
11. A notação  $v^o_{(CAUSE)}$ , na estrutura configuracional em (10), significa que o núcleo  $v^o$  pode ser de natureza causativa ou não. No caso dos verbos transitivos causativos, tais como *zuka* 'matar', *zuhaw* 'quebrar' e *kixi* 'cortar', o núcleo  $v^o_{CAUSE}$  é projetado, mesmo que não seja preenchido fonologicamente com o morfema causativo {mu-}. No caso dos verbos transitivos não causativos, tais como *exak* 'ver', *kwaw* 'conhecer' e *putar* 'desejar', o núcleo  $v^o_{CAUSE}$  não é projetado, uma vez que esses verbos não pertencem à classe de verbos causativos. Na verdade, construções desse tipo instanciam o núcleo  $v^o$  (não causativo).



(11a) *o-mo-tohog*      *kwarer*      *ywyra*      *a'e*  
 3-CAUS-balançar      menino      árvore      ele  
 “O menino balançou a árvore”

(11b) *o-mo-tohog-kar*      *awa*      *ywyra*      *kwarer*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-CAUS-balançar-CAUS      homem      árvore      menino      c-por      ele  
 “O homem fez o menino balançar a árvore”

Note que, no exemplo (11a), o verbo transitivo causativo *mo-tohog* ‘balançar’ seleciona o DP argumento interno *ywyra* ‘a árvore’, o qual exerce a função de objeto. Por meio da projeção VoiceP, o DP argumento externo *kwarer* ‘o menino’ é inserido na função sintática de sujeito. Veja que esse DP sujeito recebe a propriedade semântica de agente (causador). Contudo, após receber o morfema causativo {-kar} em (11b), o sujeito original passa a receber a função semântica de agente-afetado e o verbo transitivo passa a projetar três argumentos. A derivação da causativização do exemplo em (11b) pode ser vista na estrutura em (12) abaixo.



Observe que dois galhos de VoiceP são projetados. O VoiceP mais baixo introduz o argumento externo *kwarer* ‘o menino’ com a propriedade semântica de agente-afetado (*causee*). Esse argumento recebe a posposição *pe* ‘por’ como uma operação de Último Recurso, nos termos de Chomsky (1991). O objetivo dessa posposição é (i) garantir que a derivação atenda às condições do Princípio de Interpretação Plena<sup>12</sup> e (ii) permitir que esse DP receba Caso abstrato ao longo da derivação sintática. O núcleo de VoiceP mais alto, por sua vez, introduz o argumento externo *awa* ‘o homem’, que exerce a função semântica de agente (causador).

A hipótese de que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  quando é instanciado pelo morfema {-kar}, seleciona sempre um

12. De acordo com Chomsky (1995), o Princípio de Interpretação Plena requer que todo elemento da Forma Fonética e da Forma Lógica receba uma interpretação apropriada. Mais precisamente, esse princípio fornece o critério que legitima as representações da Forma Fonética e da Forma Lógica, que só convergem se puderem receber uma interpretação externa à sintaxe por meio de regras universais.

vP fásico se sustenta basicamente nos diagnósticos apresentados no quadro a seguir, os quais foram adaptados a partir dos trabalhos de Pylkkänen (2002, 2008), Schäfer (2008) e Blanco (2011).

**Quadro 3**

Diagnósticos para causativos que selecionam um vP fásico

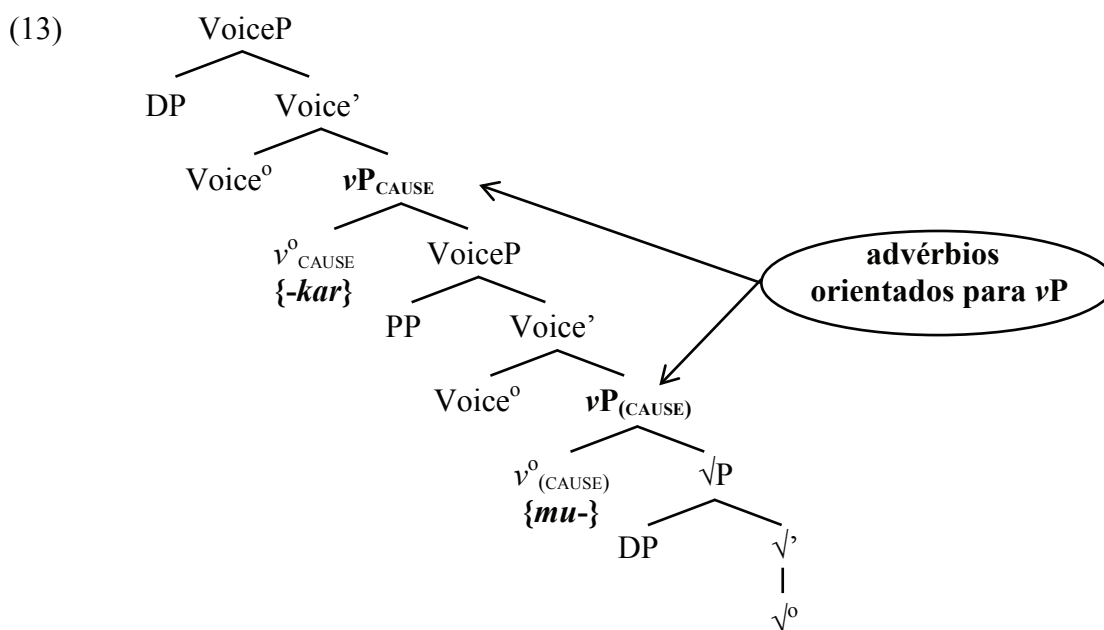
DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE vP FÁSICO
a. Permite modificação adverbial de vP abaixo de v <sup>o</sup> <sub>CAUSE</sub> ?	Sim
b. Permite morfologia verbal intervindo entre v <sup>o</sup> <sub>CAUSE</sub> e a raiz √?	Sim
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de v <sup>o</sup> <sub>CAUSE</sub> ?	Sim
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre v <sup>o</sup> <sub>CAUSE</sub> e a raiz √?	Sim
e. Permite causativização de inergativos e transitivos?	Sim

Fonte: adaptado de PYLKKÄNEN, 2002, 2008; SCHÄFER, 2008; BLANCO, 2011

Começo com o primeiro teste, o qual mostra que a causação com o morfema {-kar} permite modificação adverbial de vP abaixo de v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub>.

#### 4.1. Modificação de vP abaixo de v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub>

Conforme Pylkkänen (2002, 2008), a modificação de evento causado por meio de advérbios orientados para vP só é possível quando o complemento de v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub> for um vP ou um vP fásico. A estrutura sintática abaixo ilustra a última ocorrência, a qual é a configuração que proponho para o Tenetehára:



Uma vez que o núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$  o qual é instanciado pelo morfema causativo  $\{-kar\}$  seleciona um  $vP$  fásico como seu complemento, é possível que haja advérbios modificadores de  $vP$  com escopo abaixo de  $v^o_{\text{CAUSE}}$ . As próximas subseções discutem em detalhe esse contexto. Ressalto, no entanto, que esse teste tem o objetivo de mostrar apenas que o morfema  $\{-kar\}$  não seleciona como complemento uma raiz  $\sqrt{\quad}$ . Começemos com advérbios de modo.

#### 4.1.1. Advérbio de modo

Os advérbios de modo só têm escopo sobre  $vPs$ , com ou sem argumento externo. Assim, observe que, no exemplo (14), o advérbio *meweharupi*<sup>13</sup> ‘lentamente’ pode ter escopo sobre o evento introduzido por  $\{-kar\}$ , conforme a interpretação (i), ou sobre o evento causado, conforme a interpretação (ii).

- (14) *meweharupi*    *u-mihir-kar*    *kuzà*    *ka’i*    *awa*     $\emptyset$ -*pe*    *a’e*  
 lentamente    3-assar-CAUS    mulher    macaco    homem    c-por    ela  
 (i) “A mulher FEZ LENTAMENTE o homem assar o macaco”  
 (ii) “A mulher fez o homem ASSAR LENTAMENTE o macaco”

Note que a ambiguidade acima decorre do fato de o morfema causativo  $\{-kar\}$  selecionar como complemento um  $vP$  fásico. Logo, é totalmente possível que um advérbio de modo possa ter escopo sobre o  $vP$  mais alto ou sobre o  $vP$  baixo.

Mais precisamente, na interpretação (i), o evento desencadeado pela mulher deve ser executado de forma lenta. A mulher, por exemplo, pode executar lentamente uma ação que cause o homem assar o macaco. Nessa situação, o homem pode inclusive executar a ação de modo rápido.

Por sua vez, na interpretação (ii), o advérbio *meweharupi* ‘lentamente’, por ter escopo sobre o evento causado, não faz referência ao evento da causação desencadeado pela mulher (i.e. o núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$  mais alto na estrutura arbórea não recebe modificação adverbial). O fato de o advérbio ter um escopo baixo mostra que o morfema  $\{-kar\}$  seleciona como complemento uma estrutura que contém uma projeção de  $vP$ . Mostro, a seguir, a aplicação desse mesmo diagnóstico com os advérbios de lugar.

#### 4.1.2. Advérbio de lugar

Assim como os advérbios de modo, os advérbios de lugar também não têm escopo sobre a raiz  $\sqrt{\quad}$ , mas sim sobre  $vPs$ . No exemplo (15), o advérbio *tàpuz izywyr* ‘ao redor da casa (i.e. no quintal)’ deve ter escopo sobre o evento introduzido por  $\{-kar\}$ , conforme a interpretação (i), ou sobre o evento causado, segundo a interpretação (ii).

13. O advérbio *meweharupi* ‘lentamente’ possui a seguinte derivação morfológica:

(i) *mewe-ha(w)*    *r-upi*  
 lento-NOML    C-com  
 “lentamente”

A fim de demonstrar que o advérbio *meweharupi* ‘lentamente’ de fato tem escopo sobre um  $vP$ , o qual não introduz argumento externo agente, veja que, no exemplo abaixo, o único argumento da predicação é o DP *ka’a* ‘folha’, o qual não é introduzido pelo núcleo de VoiceP, uma vez que não exerce a função semântica de agente.

(i) *meweharupi*    *u-’ar*    *ka’a*    *wà*  
 lentamente    3-cair    folha    PL  
 “As folhas caíram lentamente”

- (15) *u-mihir-kar*      *awa*      *ka'i*      *kuzà*      *ø-pe*      *tàpuz*      *ø-izywyr*      *a'e*  
 3-assar-CAUS      homem      macaco      mulher      c-por      casa      c-ao.redor      ele  
 (i) “O homem, no quintal, fez a mulher assar o macaco”  
 (ii) “O homem fez a mulher assar, no quintal, o macaco”

A ambiguidade em (15) mostra que há duas posições sintáticas capazes de receber a adjunção do sintagma adverbial de lugar *tàpuz izywyr* ‘no quintal’. Quando o advérbio tem escopo sobre o evento da causação, introduzido pelo morfema causativo  $\{-kar\}$ , a ação do agente (causador), o DP *awa* ‘o homem’, é modificada. Quando o advérbio tem escopo sobre o evento causado, a ação do DP *awa* ‘o homem’ não sofre qualquer modificação. Nesse sentido, o DP agente (causador) pode, inclusive, ter executado o evento da causação em lugar diferente daquele indicado pelo PP *tàpuz izywyr* ‘no quintal’.

O fato de as construções com o causativo  $\{-kar\}$  permitirem que os advérbios orientados para  $vP$  gerem estruturas sintaticamente ambíguas evidencia que há, pelo menos, dois  $vP$ s capazes de receber a adjunção do AdvP, a saber: (i) o  $vP_{CAUSE}$ , cujo núcleo é instanciado por  $\{-kar\}$ , e (ii) o  $vP_{(CAUSE)}$ , que pertence à estrutura do evento causado. Por fim, enfatizo que esse teste, que envolve advérbios de modo, tem tão somente a função de descartar a possibilidade de o complemento de  $\{-kar\}$  ser uma raiz  $\surd$ .

Na próxima seção, mostro que o processo de causativização com o morfema  $\{-kar\}$  permite morfologia verbal entre o núcleo  $v^0_{CAUSE}$  e a raiz  $\surd$ .

#### 4.2. Morfologia verbal entre $v^0_{CAUSE}$ e a raiz $\surd$

De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), nas línguas em que  $v^0_{CAUSE}$  seleciona como complemento um  $vP$  fásico, não pode haver restrições quanto à ocorrência de morfologias verbais entre o causativo e a raiz  $\surd$ . De fato, o morfema  $\{-kar\}$  permite sim morfologia verbal intervindo entre  $v^0_{CAUSE}$  e a raiz  $\surd$ . Tal evidência indica que o morfema  $\{-kar\}$  não pode selecionar como complemento uma raiz  $\surd$ . Veja os exemplos abaixo:

- (16a) *u-petek*      *awa*      *zawar*      *a'e*  
 3-bater      homem      cachorro      ele  
 “O homem bateu no cachorro”
- (16b) *u-petek-kar*      *kuzà*      *zawar*      *awa*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-bater-CAUS      mulher      cachorro      homem      c-por      ela  
 “A mulher fez o homem bater no cachorro”
- (16c) *u-petek-wi-kar*      *kuzà*      *zawar*      *awa*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-bater-ASPEC-CAUS      mulher      cachorro      homem      c-por      ela  
 “A mulher fez o homem bater novamente no cachorro”

Observe que, em (16c), há o morfema de aspecto iterativo  $\{-wi\}$  intervindo entre o causativo  $\{-kar\}$  e a raiz *petek* ‘bater’. Semanticamente esse morfema aspectual tem escopo apenas sobre o evento

causado. Assim, nesse exemplo, o evento da causação não é marcado pela aspectualização. Para que o aspecto iterativo tenha escopo sobre o evento da causação, o sufixo {-wi} deve ocorrer depois do morfema causativo {-kar}, conforme o exemplo (16d).

- (16d) *u-petek-kar-wi*      *kuzà*      *zawar*      *awa*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-bater-CAUS-ASPEC      mulher      cachorro      homem      c-por      ela  
 “A mulher novamente fez o homem bater no cachorro”

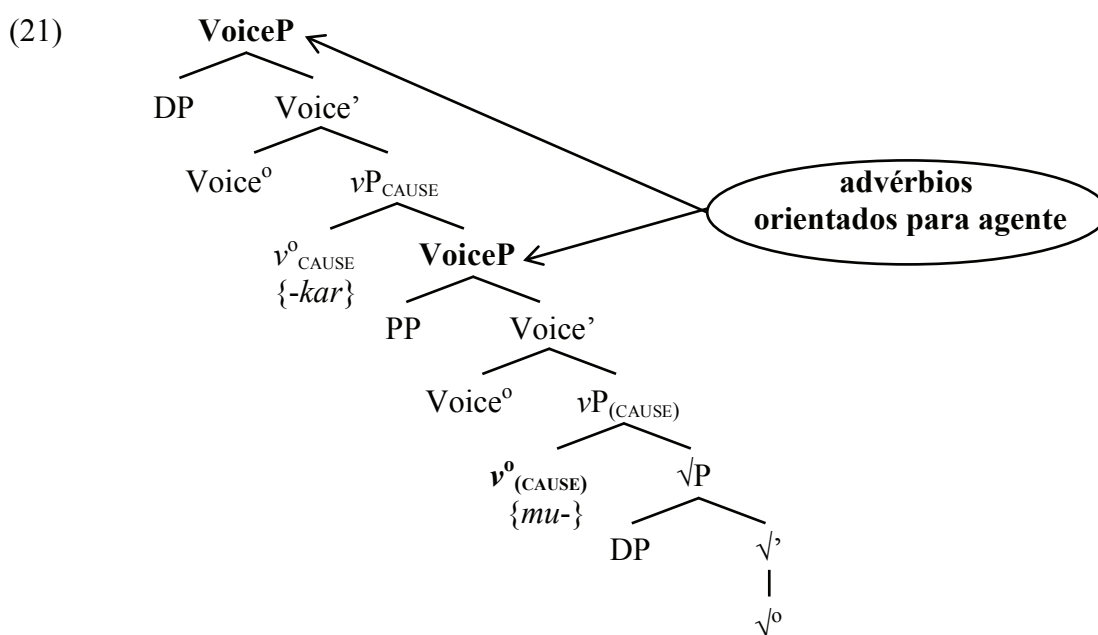
Adicionalmente, outros morfemas aspectuais, tais como intensivo {-ahy} e {-katu}, iterativo {-wiwi} e paucal {-wewe(r)}, podem ainda intervir entre  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\text{ }}$ , conforme o paradigma abaixo:

- |  |  |
|--|--|
| <p>(17) <i>u-petek-ahy-kar</i><br/>       3-bater-ASPEC-CAUS<br/>       “Ele fez alguém BATER COM FORÇA”</p> | <p>(19) <i>u-petek-wiwi-kar</i><br/>       3-bater-ASPEC-CAUS<br/>       “Ele fez alguém BATER VÁRIAS VEZES”</p> |
| <p>(18) <i>u-petek-katu-kar</i><br/>       3-bater-ASPEC-CAUS<br/>       “Ele fez alguém BATER BEM”</p>      | <p>(20) <i>u-petek-wewe(r)-kar</i><br/>       3-bater-ASPEC-CAUS<br/>       “Ele fez alguém BATER POUCO”</p>     |

Na seção seguinte, demonstro que o causativo {-kar} permite que advérbios orientados para agente tenham escopo abaixo do núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ .

### 4.3. Modificação orientada para agente abaixo de $v^0_{\text{CAUSE}}$

Para Pylkkänen (2002, 2008), um dos diagnósticos mais robustos, que é capaz de indicar que o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona um  $vP$  fásico como complemento, baseia-se na possibilidade de modificação de evento causado por meio de advérbios agentivos. Configurações desse tipo permitem uma leitura ambígua, já que há duas posições sintáticas capazes de receber modificadores orientados para agente, conforme a configuração abaixo:



Para fins de ilustração, note que, no exemplo (22), o advérbio *hameteharomo*<sup>14</sup> ‘com dedicação’, o qual é orientado para DPs na função semântica de agente, pode ter escopo orientado tanto para o agente (causador) mais alto quanto para o argumento agente-afetado (causado) o qual pertence ao evento causado.

- (22) *u-mu-zahak-kar*            *awa*        *kwarer*    *kuzà*    *ø-pe*    *hameteharomo*    *a’e*  
 3-CAUS-banhar.se-CAUS    homem    menino    mulher    c-por    com.dedicação    ele  
 (i) “O homem, com dedicação, fez a mulher banhar o menino”  
 (ii) “O homem fez a mulher, com dedicação, banhar o menino”

Por razão puramente sintática, como pode ser notado, o exemplo (22) é ambíguo, uma vez que o advérbio *hameteharomo* ‘com dedicação’ pode se adjungir a duas posições sintáticas, conforme a estrutura em (21). Tal ambiguidade desencadeia duas possíveis interpretações. Na interpretação (i), o advérbio orientado para agente tem escopo sobre o argumento externo introduzido acima do núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  que hospeda o morfema  $\{-kar\}$ . Na interpretação (ii), o argumento externo gerado dentro do evento causado recebe o escopo do advérbio agentivo.

Observe que o exemplo acima sustenta a hipótese de que o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , quando é instanciado pelo morfema  $\{-kar\}$ , seleciona como complemento um vP fásico, uma vez que o evento causado contém um argumento externo agente.

Na próxima seção, implemento o diagnóstico de Pykkänen (2002, 2008) acerca da interveniência de morfologia de aplicativo alto entre o núcleo causativo  $\{-kar\}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ .

#### 4.4. Morfologia de aplicativo alto entre $v^0_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$

Para Pykkänen (2002, 2008), línguas que possuem um núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , o qual seleciona uma raiz  $\sqrt{\quad}$  ou um vP, não permitem a realização morfológica de um núcleo aplicativo alto entre o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ . Contudo, línguas que possuem um núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  capaz de selecionar vP fásico permitem essa interveniência. Isto fica particularmente evidente com os exemplos abaixo.

- (23a) *u-’ar*            *awa*            *a’e*  
 3-cair            homem            ele  
 “O homem caiu”

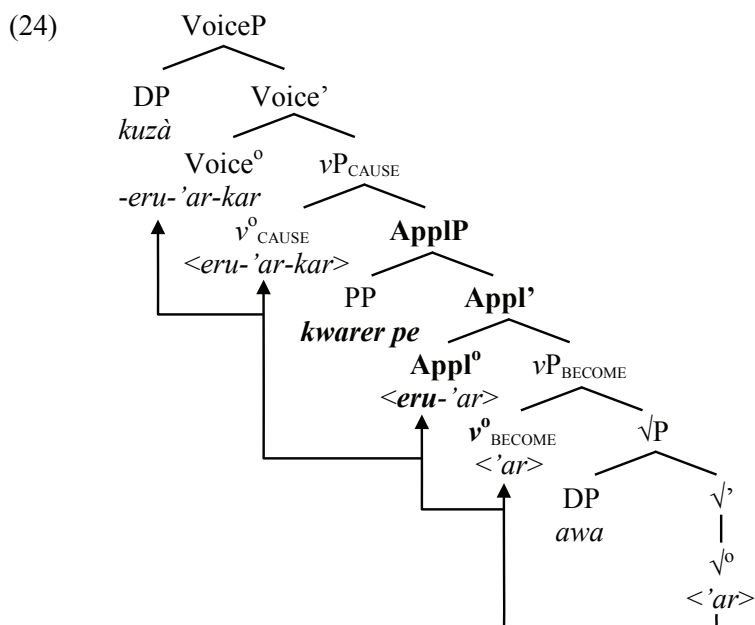
- (23b) *w-eru-’ar*            *awa*            *kwarer*            *a’e*  
 3-APPL-cair            homem            menino            ele  
 “O homem caiu com o menino”

14. O advérbio *hameteharomo* ‘com dedicação’ possui a seguinte derivação morfológica:

(i) *hamete-ha(r)*    *romo*  
 verdade-NOML    ASSOC  
 “de verdade / com dedicação”

- (23c) *w-eru-'ar-kar*      *kuzà*      *awa*      *kwarer*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-APPL-cair-CAUS      mulher      homem      menino      c-por      ela  
 “A mulher fez o homem cair com o menino”

Conforme os exemplos em (23), note que o verbo *'ar* ‘cair’, após receber a morfologia de aplicativo alto {*eru-*}<sup>15</sup>, pode ser causativizado por meio do morfema {-*kar*}. A fim de explicitar a interveniência<sup>16</sup> do aplicativo {*eru-*} entre  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\text{ }}$  do exemplo (23c) considere a estrutura a seguir:



A partir do exemplo acima, note que o aplicativo pode intervir entre  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\text{ }}$  apenas em contexto cujo morfema {-*kar*} seja a realização de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ . Veja ainda esquematicamente abaixo o paradigma de derivação dos morfemas discutidos nesta subseção:

- |       |               |                    |                 |
|-------|---------------|--------------------|-----------------|
| (25a) | - 'ar-        | “cair”             | VERBO           |
| (25b) | *- 'ar-kar    | “fazer cair”       | VERBO-CAUS      |
| (25c) | -eru- 'ar-    | “cair com”         | APPL-VERBO      |
| (25d) | -eru- 'ar-kar | “fazer [cair com]” | APPL-VERBO-CAUS |

Observe que o exemplo (25b) é agramatical porque a raiz *'ar* ‘cair’ é incapaz de receber o causativo {-*kar*}, sem que receba antes o morfema aplicativo {*eru-*}. Esse fato demonstra que o morfema causativo {-*kar*} pode selecionar como complemento uma estrutura que contém um argumento aplicado alto, conforme a estrutura configuracional em (24).

15. Vale ressaltar que o morfema prefixal {*eru-*}, denominado tradicionalmente na literatura descritiva das línguas Tupí-Guaraní como causativo comitativo (cf. RODRIGUES, 1953, 2010), recebeu o estatuto gramatical de morfema aplicativo alto inicialmente no trabalho de Vieira (2010).

16. Apesar de o aplicativo alto {*eru-*}, na ordem linear, não intervir entre a raiz verbal e o causativo {-*kar*}, estruturalmente esse aplicativo é projetado entre  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\text{ }}$ . O principal argumento que sustenta essa análise se baseia no fato de que os verbos monovalentes *ata* ‘andar’ e *hem* ‘sair’ não podem receber o morfema causativo {-*kar*} sem que tenham recebido anteriormente o morfema aplicativo {*eru-*}. Se o morfema aplicativo não intervisse, seria possível que o morfema causativo {-*kar*} se afixasse diretamente a esses verbos monovalentes: derivação que não converge em Tenetehára.

Na próxima seção, mostro que verbos transitivos e inergativos podem ser causativizados por meio do morfema {-kar}.

#### 4.5. Causativização de verbos transitivos e inergativos

O morfema causativo {-kar} é capaz de afixar-se a bases que sejam estruturalmente transitivas (i.e. uma estrutura que instancia um argumento externo). Isto fica particularmente assentado, por exemplo, pelo fato de o verbo transitivo *zuka* ‘matar’ poder coocorrer com o sufixo causativo {-kar}, fazendo com que o evento descrito em (26a) passe a ser reinterpretado como evento causado em (26b). Compare os exemplos abaixo:

(26a) *u-zuka*      *kuzà*      *zapukaz*      *a’e*  
 3-matar      mulher      galinha      ela  
 “A mulher matou a galinha”

(26b) *u-zuka-kar*      *awa*      *zapukaz*      *kuzà*      *ø-pe*      *a’e*  
 3-matar-CAUS      homem      galinha      mulher      c-por      ele  
 “O homem fez a mulher matar a galinha”

Os verbos inergativos também permitem a causativização com o morfema {-kar}. Essa é, por exemplo, a situação do verbo *zegar* ‘cantar’, em (27b). Há, contudo, uma pequena diferença, não trivial, a qual reside no fato de que os verbos inerentemente inergativos, para que sejam causativizados, precisam antes receber prefixo causativo {mu-}. Mais precisamente, para que sejam causativizados por meio do sufixo {-kar}, os inergativos precisam antes se tornar transitivos, conforme se nota pelos exemplos abaixo:

(27a) *u-zegar*      *kwarer*      *a’e*  
 3-cantar      menino      ele  
 “O menino cantou”

(27b) *u-mu-zegar-kar*      *awa*      *kwarer*      *a’e*  
 3-CAUS-cantar-CAUS      homem      menino      ele  
 “O homem fez o menino cantar”

(27c) *u-mu-zegar-kar*      *awa*      *kwarer*      *kuzà*      *ø-pe*      *a’e*  
 3-CAUS-cantar-CAUS      homem      menino      mulher      c-por      ele  
 “O homem fez a mulher fazer o menino cantar”

Caso o verbo *zegar* ‘cantar’ receba apenas um dos morfemas causativos, a sentença torna-se agramatical, conforme mostram os exemplos abaixo:

(28a) \**u-mu-zegar*      *awa*      *kwarer*      *a’e*  
 3-CAUS-cantar      homem      menino      ele

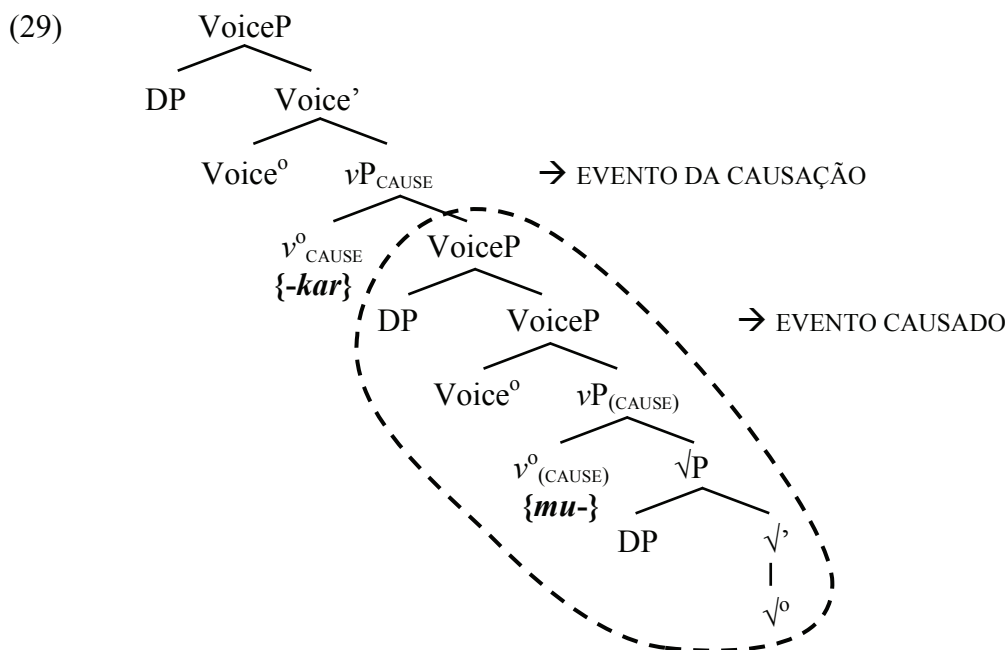


(28b)	<i>*u-zegar-kar</i>	<i>awa</i>	<i>kwarer</i>	<i>a'e</i>
	3-cantar-CAUS	homem	menino	ele

Por fim, veja que os exemplos apresentados nesta seção sustentam a hipótese de que o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , quando é instanciado pelo morfema  $\{-kar\}$ , seleciona como complemento um  $vP$  fásico, uma vez que o evento causado corresponde a um verbo transitivo que instancia um argumento externo agente.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base a análise desenvolvida até aqui, concluo que o morfema  $\{-kar\}$  tem a função de causativizar apenas verbos transitivos. Este mecanismo de aumento de valência demonstra que (i) um novo argumento é introduzido na função sintática de sujeito com a propriedade semântica de agente e (ii) o sujeito da predicação não causativizada passa a receber uma posposição, ao passo que o objeto mantém sua função sintática inalterada. Tendo em conta a hipótese de Whaley (1997), nota-se que a presença desse morfema na estrutura causativa pressupõe que há uma causação indireta, já que as ações do agente causador exercem um impacto indireto sobre o evento causado. Em suma, os dados apresentados nas seções anteriores trazem evidências a favor de assumirmos que o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  quando é instanciado pelo morfema  $\{-kar\}$ , c-seleciona como complemento um  $vP$  fásico (i.e. uma estrutura que introduz um argumento externo agente ou um argumento aplicado alto comitativo), conforme a configuração estrutural proposta abaixo:



Observe que a representação arbórea em (29) instancia um núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  que seleciona como complemento um  $vP$  fásico. Foram apresentadas evidências empíricas a favor dessa análise, a saber: (i) é possível que haja morfologia verbal entre o causativo  $\{-kar\}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$  (incluindo morfologia de aplicativo alto); (ii) é possível que ocorra modificação adverbial orientada para agente interna ao evento causado; (iii) é possível que haja modificação adverbial de  $vP$  abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ ; e (iv) é possível que haja causativização de verbos transitivos e inergativos.

## REFERÊNCIAS

- Blanco, M. T. (2011). *Causatives in Minimalism*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Camargos, Q. F. (2011). Estruturas bieventivas em Tenetehára (Família Tupí-Guaraní): Evidência da realização dos núcleos Cause e Voice. *Anais do XVI Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*, Alcalá de Henares; Madrid, pp. 225-234.
- Camargos, Q. F. (2013a). *Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.
- Camargos, Q. F. (2013b). Causativização morfológica na língua Tenetehára: análise à luz da estrutura bipartida do VP. *Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, 6, 1-28.
- Chomsky, N. (1991). Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: Freidin, R. (Ed.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: The MIT Press. pp. 417-454.
- Chomsky, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press.
- Comrie, B. (1981). *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Dixon, R. M. W. (1979). Ergativity. *Language*, 55, 59-138.
- Duarte, F. B. & Camargos, Q. F. (2009). Evidência da estrutura bipartida do VP na língua Tenetehára. *Anais do SILEL*, Uberlândia, pp. 1-8.
- Duarte, F. B. & Camargos, Q. F. (2011). Núcleos causativos na língua Tenetehára: natureza dos complementos selecionados por CAUSE. In: Rodrigues, A. D. & Cabral, A. S. A. *Língua e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú. pp. 147-162.
- Hale, K. & Keyser, S. J. (1993). On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: Hale, K. & Keyser, S. J. (Ed.). *The view from building 20*. Cambridge: The MIT Press. pp. 53-110.
- Hale, K. & Keyser, S. J. (2002). *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: The MIT Press.
- Harley, H. B. (1995). *Subjects, events, and licensing*. Cambridge: The MIT Press.
- Harley, H. B. (2008). On the causative construction. In: Miyagawa, S. & Mamuro, S. (Ed.). *The Oxford Handbook of Japanese Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. pp. 20-53.

- Harrison, C. (1986). Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: Derbyshire, D. C. & Pullum, G. K. (Ed.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 407-439.
- Kratzer, A. (1994). *The Event Argument and the Semantics of Voice*. Amherst: University of Massachusetts.
- Kratzer, A. (1996). Severing the External Argument from its Verb. In: Rooryck, J & Zaring, L. (Ed.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. pp. 109-137.
- Marantz, A. (1984). *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: The MIT Press.
- Parsons, T. (1990). *Events in the Semantics of English: a study of subatomic semantics*. Cambridge: The MIT Press.
- Pylkkänen, L. (2002). *Introducing Arguments*. Ph.D. Thesis. Cambridge: The MIT Press.
- Pylkkänen, L. (2008). *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press.
- Rodrigues, A. D. (1953). Morfologia do verbo em Tupí. *Letras*, 1, 121-152.
- Rodrigues, A. D. (1985). Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, 27/28, 33-53.
- Rodrigues, A. D. (2010). A Estrutura do Tupinambá. [1981]. In: Cabral, A. S. A. C. & Rodrigues, A. D. & Duarte, F. B. (Ed.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú. pp. 11-42.
- Schäfer, F. (2008). *The Syntax of (Anti-)Causatives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Soares, M. F. (2010). Categorias funcionais e conhecimento enciclopédico ou sintaxe e significado no domínio verbal: noções aspectuais e expressão da causatividade em Ticuna. *Revista de Estudos da Linguagem*, 18 (1), 187-234.
- Vieira, M. M. D. (2010). Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. *Revista de Estudos da Linguagem*, 18 (1), 141-164.
- Whaley, L. (1997). *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage Publications.